

## Índice

Primavera	11
Verão	85
Outono	165
Inverno	205
Primavera	253

Primavera



Os bandidos voltaram a aparecer por ocasião da Páscoa. Desta vez, chacinaram dois homens, três mulheres e duas crianças pequenas. Foram roubadas algumas ferramentas ao ferreiro, mas nada de ouro ou prata, pois não havia. Um dos bandidos foi atacado com um machado desferido pela mãe das crianças chacinadas — esmagou-lhe o pé esquerdo. Em seguida, foi imobilizado pelos vizinhos e arrastado até à praça da aldeia, onde foi espancado e preso no pelourinho. Os aldeãos atiraram-lhe lama e excrementos de animais até a noite cair. Grigor, o avô das crianças mortas, estava demasiado destroçado para conseguir dormir, pelo que se levantou a meio da noite, foi à praça, cortou uma das orelhas do bandido com uma faca da horta e depois atirou a orelha para um limoeiro em flor. «É para os pássaros comerem!», gritou para o homem que escorria sangue, afastando-se rapidamente a chorar baba e ranho. Ninguém sabia que atos horrendos específicos o bandido preso no pelourinho teria cometido. O resto dos bandidos conseguiu escapar, levando seis gansos, quatro cabras, seis queijos inteiros e um barril de mel, para além das ferramentas de ferro.

Não foram roubadas nenhuma ovelhas, pois o pastor, Jude, morava numa pastagem a vários quilómetros do centro da aldeia e nessa noite tinha as ovelhas a dormirem profundamente no curral, como de costume. A pastagem situava-se no sopé de uma colina,

no cimo da qual ficava a enorme casa senhorial de pedra onde morava Villiam, suserano e governador de Lapvona. Os guardas dele estavam sempre a postos para o defenderem, caso algum indivíduo ameaçador subisse a colina. Na noite em questão, por entre os gritos que ecoavam da aldeia, Jude, deitado junto à lareira, teve a sensação de ouvir o retesar das cordas feitas de tripa dos arcos dos guardas. Não era por acaso que Jude e o filho, Marek, moravam na pastagem imediatamente abaixo da casa senhorial. Villiam e Jude partilhavam um laço sanguíneo, tinham o mesmo bisavô. Jude via Villiam como seu primo, embora os dois homens nunca se tivessem conhecido.

Na segunda-feira, Marek, com treze anos, caminhou até à aldeia para ajudar os homens a abrirem uma vala para enterrar os mortos. Queria ser prestável, mas encolheu-se assim que os cadáveres foram dispostos sobre a relva grossa do cemitério e os homens pegaram nas pás. As cabeças dos mortos estavam cobertas apenas com uns panos finos. Marek imaginou os rostos deles ainda vivos. Via-lhes as pestanas a roçarem no tecido sempre que soprava uma leve brisa. Viu-lhes os contornos dos lábios e pareceu-lhe vê-los mexerem-se, falando com ele, avisando-o para que se fosse embora. Os corpos das crianças pareciam bonecos de madeira, hirtos e amorosos. Marek benzeu-se e regressou à estrada. Os homens da aldeia não precisaram dele para escavarem a vala. Ninguém prestou qualquer atenção às movimentações de Marek. Era uma espécie de cão vadio que de vez em quando aparecia e desaparecia da aldeia, e toda a gente sabia que era um bastardo.

Marek era um rapaz pequeno e tinha crescido todo torto, a coluna torcida a meio de tal maneira que o lado direito da sua caixa torácica sobressaía do tronco, obrigando o braço, meio dobrado, a encontrar o seu único apoio confortável sobre a barriga. O braço esquerdo pendia-lhe meio solto do encaixe na omoplata. As pernas eram arqueadas. A cabeça também era deformada, embora escondesse o crânio debaixo de um chapéu de lã esfarrapado e uma cabeleira ruiva que nunca tinha visto um pente ou tesoura. O pai — cujo cabelo comprido e sem corte era castanho — criti-

cava a vaidade como tratando-se de um pecado capital. Não havia espelhos na humilde residência deles na pastagem, não que ganhassem dinheiro suficiente para poderem ter um. Jude era o solteirão mais velho de Lapvona. Os outros homens casavam-se com as próprias primas caso fosse necessário — era comum as mulheres morrerem durante o trabalho de parto —, ou trocavam algumas ovelhas ou porcos por uma rapariga alta de uma aldeia qualquer no Norte com quem se casarem.

Jude não suportava olhar para o seu próprio reflexo, nem mesmo no ribeiro límpido e gelado que atravessava o vale, ou no lago onde costumava banhar-se umas vezes por ano. E era de opinião que também Marek não deveria ver-se a si mesmo. Estava aliviado por ter um filho e não uma filha, a quem a falta de beleza teria sido muito mais prejudicial. Marek era feio. E frágil. Em nada se parecia com Jude, cujos ossos e músculos eram como rochedos polidos batidos pelo mar, macios e reluzentes não obstante a pele suja e quase sempre coberta de merda de ovelha. Jude nunca deu a entender que o rosto de Marek era desagradavelmente desproporcionado; a testa do rapaz era alta e coberta de veias, o nariz abatado e assimétrico, as faces achatadas e pálidas, os lábios finos, o queixo uma protuberância agarrada a um pescoço mole e enrugado, como uma dobra de pele sobre a garganta, flácida na zona da maçã de Adão. «A beleza é a sombra do Diabo», dizia Jude.

Quando regressava a casa vindo do cemitério, Marek passou pelo pelourinho onde o bandido ferido gemia e se lamentava numa língua que ninguém conhecia. Marek parou para rezar pela alma do bandido. «Perdoa-lhe, Deus», disse em voz alta, mas o bandido continuou a chorar. Marek aproximou-se. Não havia ninguém por perto. Talvez o fedor a excrementos debaixo do sol quente de primavera tivesse afastado toda a gente. Ou talvez estivessem todos ocupados com o enterro dos mortos. Marek olhou o bandido nos olhos. Eram verdes, como os seus. Mas eram olhos cruéis, pen-

sou Marek. Se se aproximasse, talvez vislumbrasse o Diabo neles. Assim que se aproximou, o bandido soltou novo lamento, como se Marek, logo ele, o pudesse salvar. Mesmo que o rapaz tivesse força suficiente para levantar os cepos e ajudar o bandido a fugir para o bosque, jamais o faria. Deus estava a ver tudo.

— Deus te perdoe — disse Marek ao bandido.

Aproximou-se ainda mais e depois atreveu-se a pousar a mão no braço do bandido. Marek via que o pé dele estava partido, frouxo, um osso exposto emergindo da carne, a pele encarquilhada e amarela. A respiração dele era rápida e esforçada. Havia moscas por toda a parte, imperturbadas pelos constantes gritos indecifráveis do bandido. Marek fechou os olhos e rezou até o bandido parar de se lamuriar. Abriu-os mesmo a tempo de ver o bandido cuspir-lhe na cara. Teve a presença de espírito de não se retrain, pois esse gesto denunciaria repulsa, e Deus julgá-lo-ia por isso. Em vez disso, inclinou-se para a frente e beijou o cocuruto do bandido, e depois passou a língua nos lábios, para sentir o sabor salgado da transpiração desse homem e os óleos rançosos que lhe empapavam o cabelo meio ruivo. O bandido estremeceu e deitou-lhe a língua de fora. Marek fez uma vénia, deu meia-volta e afastou-se, convencido de que agora os gritos do bandido já não eram de angústia ou petulância, mas provocados pelo êxtase da salvação, ainda que soassem exatamente da mesma maneira.

Marek deixou a praça e caminhou agora com passos lentos, um sentimento de benevolência formigando-lhe no braço esquerdo, que ele entendeu como tratando-se de um sinal de que conquistara um pouco de graça divina, ao passo que o resto da aldeia tinha insultado o bandido e agora sofria na escuridão, sepultando os mortos que, ao contrário deles, estavam em paz.

No exterior da aldeia, Marek cruzou-se com alguns guardas de Villiam que patrulhavam a estrada. Sorriu e acenou-lhes. Eles não prestaram qualquer atenção ao rapaz. Os guardas eram todos descendentes de gente do Norte, por isso eram altos e fortes. Os

nortenhos eram conhecidos por serem persistentes e frios. Eram fisicamente superiores aos lapvonianos nativos e, caso tivessem algum interesse nisso, poderiam ter saqueado a aldeia sozinhos e depois ter invadido a casa senhorial de Villiam e tê-lo matado com uma cotovelada rápida em cheio no coração. Porém, depois de várias gerações de vassalagem, estavam mais do que domados e treinados, e por isso agora faziam tudo o que Villiam mandava, como se ele fosse dono deles. E era-o, na verdade, assim como de todos os criados da casa senhorial, da aldeia inteira, dos bosques e das herdades que se estendiam por todo o feudo. Villiam era dono da pastagem de Jude e da pequena choupana que ele partilhava com Marek. A pastagem era circundada por bosques, também propriedade de Villiam.

Virando na direção desses mesmos bosques, a caminho de casa, Marek decidiu não contar ao pai que tinha beijado o bandido. Jude não lidava bem com o perdão. Era incapaz de perdoar, tão corroído estava pela sua própria mágoa e pelos seus rancores. Era precisamente esse seu sangue ruim que mantinha o coração de Jude a funcionar. A sua primeira mágoa prendia-se com a morte dos próprios pais, quando ele era adolescente — tinham-se afogado no lago, durante um temporal. Andavam à pesca de carpas, e a pequena balsa partira-se com uma rajada de vento. Tão raros eram esses vendavais que parecia a Jude que a tragédia se destinara especificamente a ele, um vento maléfico soprado dos infernos para lhe tirar a única família que ele alguma vez conhecera e amara. A segunda mágoa era a perda de Agata, senhora dele e mãe de Marek. Morrera durante o parto, conforme Jude gostava de recontar, esvaindo-se em sangue no chão junto à lareira. Ainda se via a mancha do sangue dela, treze anos depois.

— Ali, ainda se nota o vermelho — disse Jude, apontando para o sítio junto à lareira, onde a terra batida parecia mais calcada do que no resto do chão. Marek nunca conseguia ver o sangue. — És daltónico, tal como a tua mãe — respondeu Jude. — Por isso é que não vês.

— Mas vejo o ruivo do meu cabelo — protestou Marek.